

O *Dicionário Filosófico* de Voltaire: arma em favor da educação

Christine Arndt de Santana

Resumo:

Este artigo tem como objetivo expor a razão de ser o *Dicionário Filosófico*, obra de Voltaire, publicada em 1764, uma arma eficaz em favor da educação, formação da humanidade. Para tanto, apresenta a análise de alguns de seus verbetes, com o objetivo de sustentar a tese de que a preocupação primeira de Voltaire era com a instrução dos homens. Nesse sentido, ao escrever suas obras, o Patriarca de Ferney estava em consonância com a Ilustração e seu projeto pedagógico-civilizatório, traçado para o gênero humano.

Palavras-chave: Voltaire; *Dicionário Filosófico*; Educação.

Voltaire's *Philosophic Dictionary*: a weapon in favor of education

Abstract:

The aim of this article is to explain the purpose of the *Philosophic Dictionary*, Voltaire's work, published in 1764, an effective weapon in favor of education, humanity training. To achieve this goal, it presents the analysis of some of the dictionary entries, in order to sustain the thesis that Voltaire's first concern was with the instruction of men. Accordingly, when writing his works, the Patriarch of Ferney was in line with the Illustration and its project of educate and civilize, planned to mankind.

Keywords: Voltaire; *Philosophic Dictionary*; Education.

O que defendia Voltaire em seu combate? Questiona-se Berl, em seu “*Préface*” à obra *Mélanges*. Resposta: no início, o bom gosto¹. Voltaire estava persuadido de que, como dissera nas *Cartas Filosóficas*, a poesia seria a “[...] eloquência singela [...]”². Ele reprovava a má linguagem e os maus escritos e não duvidava que regras edificadas pela razão encontravam-se na arte. “O talento lhe importa menos do que a verdade [...] ele trabalha não para bem escrever, mas para bem pensar”³. Porque o que está nas entrelinhas de suas obras é o projeto que a Ilustração traçou para o gênero humano; ou seja, o principal objetivo de Voltaire estava pautado na sua determinação em educar, através de seus livros, de sua literatura, os homens; uma vez que ela, a literatura, pode transmitir valores morais caros à sobrevivência da sociedade.

Lanson, em sua *Histoire de la Littérature Française*, disse que Voltaire era o “[...] filósofo necessário a um mundo de burocratas, de engenheiros e de produtores”⁴. De acordo com a perspectiva que este texto segue, no que diz respeito à função educativa que a literatura possui, essa necessidade ocorre justamente porque a literatura tem esse caráter pedagógico específico, no sentido de que ela encarrega-se de educar moralmente os homens. Especificar burocratas, engenheiros e produtores, é deter-se em profissionais que geralmente estão à frente de cargos importantes em uma sociedade; que têm sob sua responsabilidade a vida de centenas de milhares de pessoas e, por conta disso, têm a obrigação de se condu-

zirem, da melhor maneira possível, no que diz respeito ao comportamento moral. Porém, estes burocratas, engenheiros e produtores, na maioria das vezes, não recebem uma formação no sentido amplo desse termo, no sentido grego de *paideia*⁵. Dessa forma, aposta-se na educação doméstica que essas pessoas receberam de seus pais. Contudo, por se tratar de uma aposta, tudo pode acontecer. E, quando o que está em jogo é a subsistência de uma sociedade, é a melhor maneira de se viver de forma comum, é a felicidade do homem; os resultados precisam ser, para o bem de todos, os melhores possíveis, tendo em vista o bem-estar da coletividade. Logo, o estilo voltairiano; sobrecarregado pedagogicamente, já que seu autor deseja, através de sua pena, educar; pauta-se nas regras edificadas pela razão para poder confeccionar a sua arte literária e, assim, preocupar-se mais com o bem pensar do que com o bem escrever, uma vez que o primeiro, conseqüentemente, levará ao segundo.

Pomeau também lança uma questão: se Voltaire não teria filosofado em verso. E como Berl, ele mesmo responde, explicando que sim e dando como exemplo alguns poemas voltairianos com temas filosóficos⁶. Ele diz que estes textos são pouco lidos contemporaneamente, e afirma que, para demonstrar seu pensamento, Voltaire possui um meio mais ágil que a poesia: a prosa⁷. Mas, mesmo utilizando-se da prosa, há, na obra voltairiana uma constante: a primazia do literário⁸. Esta primazia ocorre por conta de um estilo, de uma opção que ele faz, uma vez que esta maneira escolhida para escrever seus textos

¹ BERL, Emmanuel. “*Préface*”. In: VOLTAIRE. *Mélanges*. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1995. p. XIII.

² VOLTAIRE. *Cartas Filosóficas*. Tradução Bruno da Ponte *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”). p. 42.

³ BERL, Emmanuel. “*Préface*”. In: VOLTAIRE. *Mélanges*. Op. cit.. p. XV.

⁴ LANSON, Gustave. *Histoire de la Littérature Française*. Apud: POMEAU, René. *Voltaire par lui-même*. Paris: Seuil, 1970. p. 187.

⁵ *Paideia* significa: “Educação ou cultivo das crianças, instrução, cultura. O verbo *paideúo* significa: educar uma criança (*país-paidós* em grego), instruir, formar, dar formação, dar educação, *ensinar os valores*, os ofícios, as técnicas, *transmitir idéias e valores para formar o espírito e o caráter*, formar para um gênero de vida. Da mesma família é a palavra *paideia*, ação de educar, educação, cultura”. (CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Volume I. p. 356.). (grifo nosso).

⁶ Alguns exemplos são: *Epître à Julie* (1722); *Epître à Uranie* (1734), que é Mme du Châtelet; *Discours en vers sur l’homme* (1745) e *La loi naturelle*. Cf.: POMEAU, René. “*Préface*”. In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Paris: Éditions Complexe, 1994. VIII.

⁷ Id.

⁸ *Ibid.*, p. XIII.

permite que ele alcance seu objetivo último: esclarecer os homens, educá-los. E é esta primazia do literário que permite que a função educativa da literatura se exerça nos textos de Voltaire.

Juntamente com o artifício do literário, usado para fins pedagógicos, Voltaire sabe se utilizar das boas regras da retórica⁹: ele opta, muitas vezes, por finais abruptos, como acontece em *Le Siècle de Louis XIV* (1751), *Micrômegas* (1752), *O Branco e o Negro* (1764), *Cândido* (1759). Vale ressaltar: não é somente esse artifício literário que é encontrado nos textos voltairianos. Estes estão repletos de outras técnicas¹⁰, utilizadas a serviço da primazia do literário que, como fora dito, possui função específica no plano que Voltaire traçou para o ofício pedagógico de suas obras.

Como indicado, o intuito de Voltaire, que está presente em todos os seus escritos, é esclarecer os homens, educá-los. É importante chamar a atenção para o fato de que o autor das *Cartas Filosóficas* fez uso de diversas formas de expressões literárias para difundir seu pensamento, para colocar em prática o projeto pedagógico-civilizatório da Ilustração.

*Várias nações que durante muito tempo tiveram chifres e ruminavam **começam agora a pensar**. Quando chega o tempo de pensar, é impossível tirar dos espíritos a força que adquiriram; [...] É a liberdade de pensar que faz eclodir, entre os ingleses, tantos livros excelentes; porque os*

*espíritos foram esclarecidos, foram corajosos*¹¹.

Nesse mesmo texto, Voltaire indica as contribuições dos *philosophes* que possibilitaram a Ilustração, ao produzirem “[...] os escritos sólidos [...] que ridicularizaram a tolice dos nossos pais que de agora em diante é impossível que seus filhos sejam tão tolos quanto eles”¹².

Seus contos também são testemunhos do projeto ilustrado. Através da fala de seus personagens, Voltaire expõe, a seus leitores, o que estes precisam aprender. Em *Memnon ou a sabedoria humana*, considerado por Sérgio Miliet um esboço do *Cândido*¹³, Voltaire explica que é impossível ao homem alcançar a perfeição e que, portanto, não cabe a ele lamentar-se. Outro aspecto levantado pelo “Patriarca de Ferney” é o que diz respeito à autonomia dos seres humanos. Memnon diz: “[...] tenho com que viver independentemente; esse é o maior dos bens”¹⁴. Em o *Ingênuo* (1767), mais uma vez aparece, agora na voz do Hurão, a importância da autonomia nas linhas voltairianas:

*O Ingênuo respondeu-lhe que não tinha necessidade do consentimento de ninguém; que lhe parecia extremamente ridículo ir perguntar a outros o que deviam fazer; que quando dois estão de acordo, não há necessidade de um terceiro para acomodá-los*¹⁵.

⁹ Deve-se entender retórica como o estilo utilizado para convencer, ou seja, a expressão literária a serviço, no caso específico de Voltaire, da filosofia; é o uso da literatura para instruir, esclarecer, educar os homens. Sobre este conceito de retórica como sendo o estilo usado para persuadir, ver: REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção “Justiça e Direito”). XIII.

¹⁰ Tais técnicas são elencadas por Auerbach e podem ser assim resumidas: colocar o problema desde o primeiro momento, fazendo com que a solução que se espera já esteja na colocação; “iluminar” de maneira excessiva uma parte pequena de um todo, deixando o resto na “escuridão”, resto este que serviria de contrapeso do que foi “clareado”; simplificação dos problemas, tornando a velocidade da narrativa extremamente alta e o uso constante de metáforas. (Cf.: AUERBACH, Erich. “A ceia interrompida”. In: *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. 4ª ed. Tradutores não nomeados. São Paulo: Perspectiva, 2002 (Coleção “Crítica”). p. 360-362).

¹¹ VOLTAIRE. “Réflexions sur les sots”. In: *Mélanges*. Op. cit.. p. 353. (grifo nosso).

¹² Ibid., p. 355. (grifo nosso).

¹³ MILLIET, Sérgio. “Nota introdutória ao conto ‘Memnon ou a sabedoria humana’”. In: VOLTAIRE. *Contos*. Tradução Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2005. p. 175. Miliet afirma que este conto, juntamente com o *Discours em vers sur l’homme* (1745), “[...] formam um conjunto de conselhos sobre a arte de bem viver”. (Id).

¹⁴ Ibid., p. 177.

¹⁵ Ibid., p. 394.

A importância da utilidade, para o movimento ilustrado, é uma preocupação do Ingênuo. Quando ele conversava com um alto funcionário do exército, assim se expressou: “[...] Numa palavra, quero ser útil: que me empreguem e me promovam”¹⁶. Assim, a preocupação de Voltaire com a educação dos homens se mantém presente nos seus escritos; tanto os propriamente literários quanto os que não possuem, necessariamente, essa característica.

Em 28 de setembro de 1752, na sala de refeições do castelo do soberano Frederico II, deparara-se reunido um grupo de intelectuais que, após o jantar, iniciara uma conversação. Num determinado momento do diálogo, tais intelectuais decidem escrever um dicionário contra os preconceitos, a superstição e o fanatismo. Voltaire, que era um dos participantes dessa reunião, entusiasmou-se mais do que os outros e, nos dias que se seguiram, redigiu os verbetes: Abraão, Alma, Ateu, Batismo, Juliano, Moisés. Os outros participantes da interlocução esqueceram-se do projeto; o que acabou dando mais estímulo ao *philosophe*. Demoram alguns anos para que o dicionário fique pronto, porque, mesmo sendo um escritor fecundo e rápido, Voltaire debruça-se sobre outras tarefas, o que acaba tomando um pouco do seu tempo. Em 1764, publica-se o primeiro volume dessa obra, intitulada *Dicionário Filosófico*. Esse escrito causou escândalo. Foi condenado em Genebra, Amsterdã, Paris e teve um exemplar queimado, juntamente com La Barre¹⁷, na fogueira, já que ela, a obra, tinha sido condenada pelos poderes secular e laico. Contém 118 artigos em sua forma definitiva.

Voltaire, descrente acerca da eficácia da *Enciclopédia*, persuadido de que 20 volumes *in-folio* não fariam a revolução, e que são os livros de bolso os temidos na grande batalha contra a Infame, adota a fórmula do dicionário, que lhe parece adaptável ao combate – uma vez que ele pretende criticar e ridicularizar as crenças oficiais (civis e eclesiásticas), o poder estabelecido e o costume dos poderosos, além de educar os homens. Ele não permanecia estrangeiro às tendências editoriais, uma vez que o século XVIII é a “idade de ouro” dos dicionários. Ao lado da *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert, surgiram vários livros dessa natureza¹⁸. Em 18 de fevereiro de 1760, ele anuncia a Mme du Deffand¹⁹ que está trabalhando em um dicionário de idéias. Absorvido por esse projeto, rende-se ele mesmo à ordem alfabética (apesar da descontinuidade aparente de temas, uma vez que estes não parecem estabelecer nenhuma relação entre si), para falar sobre tudo o que ele deve pensar sobre este mundo e o outro²⁰. O primeiro título dessa obra foi *La Raison par alphabet*. Em 1760, ele adota o título *Dicionário Filosófico*.

Do artigo “Abraão” ao artigo “Virtude”, esta obra, que escolheu a descontinuidade alfabética, está estruturada, em profundidade, por sua orientação anti-religiosa. Três quintos dos artigos são consagrados à crítica judeu-cristã. Os outros se dividem entre artigos puramente filosóficos, como “Bem (tudo está)”; “Cadeia dos Acontecimentos”; “Fim, Causas Finais”; “Idéia”;

¹⁶ Ibid., p. 404.

¹⁷ La Barre foi um jovem brutalmente condenado por cantarolar, na rua, canções consideradas ímpias; e, também, por não ter tirado o chapéu quando passava, por ele, uma procissão. Voltaire expõe, resumidamente, essa história em sua obra *Tratado sobre a Tolerância* (1763), que tem como mote um outro caso de intolerância cometido na França, o caso Calas.

¹⁸ VERSAILLE, André. “Voltaire: A necessidade de compreender e de fazer compreender.” In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Op. cit., p. XXXV. Sobre essa afirmação, ver também: TROUSSON, Raymond et al. (dir.) *Dictionnaire Voltaire*. Bruxelles: Hachette, 1994. p. 54.

¹⁹ Em 24 de março de 1760, Mme du Deffand responde à carta de Voltaire, acerca do *Dicionário Filosófico*, que lhe fora enviada. Assim ela se expressa: “Aquilo que chamais de escritos requeitados, senhor, proporcionaram-me muito prazer; deveríeis enviar-me alguns artigos do dicionário de vossas idéias, seria delicioso, e me faria pensar. [...] Enviai-me alguns artigos de vosso dicionário, peço-vos de joelhos; cuidai de meu divertimento; sou a alma mais abandonada do purgatório deste mundo.” (DU DEFFAND DE LA LANDE, Marie Anne de Vicky Charmond. *Cartas a Voltaire*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996. p. 39-41). (grifo nosso).

²⁰ TROUSSON, Raymond et al. (dir.) *Dictionnaire Voltaire*. Op. cit., p. 54.

“Liberdade”; artigos de conotação política, como por exemplo “Igualdade”; “Estados, Governos”; “Mestre”; “Tiranía”; artigos que tratam sobre problemas judiciais, como “Leis”; “Tortura”. Outros que tratam de questões relativas à psicologia humana, como “Amor-próprio”; “Amizade”; “Glória”; “Orgulho”. O eixo principal é o da denúncia de imposturas, absurdos, horrores da Bíblia, do estabelecimento do Cristianismo, da instrução religiosa. Voltaire dessacraliza o Livro, do qual ele contesta a inspiração divina [...]”²¹.

Segundo Trousson, este *Dicionário* é filosófico, no sentido em que o século XVIII entendia algo como filosófico. Para Voltaire, ele deveria gerar uma “revolução nos espíritos”, fundada sobre o “[...] exercício da razão, da lucidez crítica que permite se desfazer dos preconceitos, libertar-se de antigas sujeições, pensar livremente”²². Vista dessa ótica, a filosofia não é mais um domínio reservado a especialistas, mas uma atividade própria dos homens, das pessoas, (*des honnêtes gens*). “Esses devem se ‘transformar em philosophes sem se vangloriarem de o ser’”²³.

Nessa obra, - primeiro livro de bolso da história²⁴, para facilitar sua circulação e manuseio, que fora distribuído, dentre outros lugares, em bancos de praça, possibilitando o acesso a todos, - muitos verbetes

versam sobre a necessidade da educação. A própria maneira em que a obra foi preparada e veiculada é testemunha da preocupação de Voltaire em educar as pessoas. Esse livro tem um propósito: criticar e ridicularizar as crenças oficiais (civis e eclesiásticas), o poder estabelecido e os costumes dos poderosos. Segundo Voltaire, no prefácio que ele escreveu para uma das edições do *Dicionário*, esse é um livro útil, pois, “Os livros mais úteis são aqueles que deixam espaço ao trabalho dos leitores; eles entendem os pensamentos dos quais lhe apresentamos o gérmen; eles corrigem o que lhes parece defeituoso e fortalecem pelas suas reflexões o que lhes parece fácil”²⁵.

A estratégia de Voltaire, ao colocar “[...] tudo em dicionário”²⁶, faz com que os assuntos se tornem mais atrativos, chamando, dessa forma, a atenção do leitor. Além disso, ao praticar essa estratégia em seus escritos, ele concentra todas as suas forças em um único ponto: “Ele pensa por artigos. [...] O movimento do espírito de Voltaire o condenaria ao dicionário: por natureza, sua razão é uma ‘Razão por alfabeto’”²⁷. As grandes obras desse autor são organizadas, construídas em trechos, extratos curtos sobre um determinado assunto, que tem em seu título o anúncio do que cada um desses trechos irá tratar. Esta fragmentação seria, em efeito, um perigoso instrumento de polêmica. Porém, não se deve deixar de considerar que, apesar de aparentemente sem nenhuma relação entre si, esses extratos fazem parte de um

²¹ Ibid., p. 54-55. Quando Trousson diz que a obra em questão é uma “descontinuidade alfabética”, a descontinuidade se refere aos temas e não à ordem alfabética em si.

²² Ibid., p. 55.

²³ Id.

²⁴ Versaille explica que entre 1770 e 1772, isto é, após a publicação do *Dicionário Filosófico*, Voltaire abandona a idéia de livro de bolso e publica *Questions sur l'Encyclopédie*, em nove volumes. Contudo, o princípio dos fragmentos ordenados alfabeticamente é mantido. Este estilo de Voltaire não é um artifício literário gratuito. Dessa forma, ele discute de maneira direta e familiar com o leitor e o convida a refletir com ele. De acordo com Pomeau, Voltaire transformou o artigo de dicionário em gênero literário. Apesar da suposta desordem, da suposta falta de continuação, suas obras apresentam uma coerência, mesmo que redigida em fragmentos. Seus artigos podem ser lidos autonomamente e em seqüência. Isso ocorre, também, nas *Cartas Filosóficas*, seu primeiro ensaio, no qual tece reflexões sobre questões da sociedade; em *Commentaire sur le livre ‘Des délits et des peines’*; em *Filósofo Ignorante*, entre outras obras. “Tudo se passa como se este princípio da descontinuidade na continuidade fosse a melhor maneira, para Voltaire, de se explicar”. (VERSAILLE, André. “Voltaire: A necessidade de compreender e de fazer compreender.” In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Op. cit.. p. XXXVII.)

²⁵ VOLTAIRE. “Préface”. In: *Dictionnaire Philosophique*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964. p. 20.

²⁶ POMEAU, René. “Préface”. In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Op. cit.. p. VIII.

²⁷ POMEAU, René. *Voltaire par lui-même*. Op. cit.. p. 92-93.

todo, alicerçando-o, de modo que à retirada de qualquer um deles, “[...] todo o edifício vem abaixo”²⁸. Essa fragmentação, relativamente arbitrária, é auto-suficiente, visto que “[...] abre-se o volume à letra que se quer. Benefício da descontinuidade: lê-se um artigo sem se associar daquele que o precedeu ou que o segue”²⁹. A disposição por artigos apresenta a vantagem de recolher o real em sua desconcertante diversidade. O “patriarca de Ferney” acumulara muito material para as suas grandes obras. A partir de todo esse saber, anteriormente recolhido, Voltaire diverte-se com sua “*Raison par alphabet*”³⁰. Ele assim classifica essa obra: “[...] honestas reflexões alfabéticas [...]”³¹.

A ordem alfabética oferece uma leitura que não necessariamente precisa ser continuada, seqüencial, dando a possibilidade de retornos, comparações entre alguns artigos. Voltaire preconiza, com isso, uma leitura ativa.

*Esse dicionário de idéias, que se dá por objetivo, de maneira clássica, a instrução e o prazer, pertence à literatura. Ele visa menos à exposição de um saber do que à apresentação, sob forma de ensaio ou de livre proposta, opiniões, humores e reflexões de Voltaire*³².

Estrategicamente falando, seu autor explora muitas formas, nessa obra. Todas elas tendem a fazer do *Dicionário* uma máquina de guerra de perigosa eficiência.

*“Eu escrevo para agir”, proclama Voltaire. Obra de uma arte freqüentemente sutil, sempre surpreendente, o **Dicionário Fi-***

*losófico é profundamente militante. O autor ousa pensar sem temor e, **animado de uma vontade pedagógica**, ele pretende aprender [ensinar] a pensar ao seu leitor de boa fé*³³.

Mesmo que os seus leitores não sejam capazes de compreender seus artigos na íntegra, ao menos eles terão achado que se instruíram se divertindo. Versaille, ao tratar da necessidade que Voltaire possuía de compreender e de se fazer compreender, afirmou que mesmo espantando-se, maravilhando-se e tentando dar conta do mundo, este *philosophe* não foi um homem contemplativo.

*Diante das crenças estabelecidas, dos hábitos de pensar, dos automatismos intelectuais, este bisneto de Sócrates não pára de raciocinar para fazer refletir seu leitor: “É um grande prazer colocar sobre o papel seus pensamentos, de compreender bem claro, e esclarecer os outros, esclarecendo-se a si mesmo”*³⁴.

Não é de se espantar, então, que ele publique um *Dicionário Filosófico*, no qual discute os assuntos que o preocupam e propõe ao seu leitor o fruto de suas reflexões “[...] mais exatamente de suas interrogações”³⁵. Portanto, ao se questionar a intenção de Voltaire com a publicação de um dicionário, a resposta a esse questionamento nos leva à mesma encontrada para o motivo da publicação das *Memórias*³⁶: esclarecer os homens para que essa educação proporcionasse sua autonomia e, dessa forma, a convivência social fosse a menos penosa possível.

²⁸ Ibid., p. IX.

²⁹ Ibid., p. VII.

³⁰ POMEAU, René. “Préface”. In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Op. cit., p. X.

³¹ VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. 2ª ed. Tradução Bruno da Ponte et al.. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”). p. 293. Verbetes: Tortura.

³² TROUSSON, Raymond et al. (dir.) *Dictionnaire Voltaire*. Bruxelles: Hachette, 1994. p. 55.

³³ Ibid., p. 56. (grifo nosso).

³⁴ VERSAILLE, André. “Voltaire: A necessidade de compreender e de fazer compreender.” In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Op. cit., p. XXXIV. A citação entre aspas simples é uma carta de Voltaire a D’Argenson, escrita em 14 de dezembro de 1770.

Para que se possa ter uma idéia da intenção de Voltaire em seu *Dicionário Filosófico*, faz-se necessário a exposição e análise de alguns de seus verbetes. Com a exposição destes, além de se ter uma visão geral de sua filosofia, tem-se a percepção do caráter pedagógico que essa obra possui. Assim, Voltaire, de um só golpe, divulga o seu pensamento e esclarece os seus leitores.

No verbete “Caráter”, Voltaire afirma ser o homem perfectível. A esse respeito, ele assim se expressa: “[...] podemos aperfeiçoar, burilar, esconder as virtudes e os defeitos com o que a natureza nos dotou: nada mais”³⁷. Esse aperfeiçoamento é possível através da educação. No verbete “Consciência”, o filósofo diz que o homem possui uma disposição para receber princípios morais e, estes princípios, geram a nossa consciência. Voltaire, nesta parte do *Dicionário Filosófico*, concorda com o pensamento lockeano, segundo o qual o homem não possui nem idéias, nem princípios inatos. Em razão dessa constatação, é importante que se dê ao homem uma boa educação, ou seja, que se passe da melhor maneira esses princípios morais, para que o homem possa desenvolver sua consciência da forma mais acertada possível. “Daí segue-se evidentemente precisarmos muito que nos ponham na cabeça boas idéias e bons princípios, desde que possamos usar a capacidade do entendimento”³⁸. A nossa consciência é formada pela educação. Voltaire humaniza a consciência e tem como princípio filosófico a idéia de que o homem é o que é através da educação que recebe:

[...] Resulta disso tudo que só temos a consciência que nos é inspirada pelo tempo e pelo exemplo, por nosso temperamento, por nossas reflexões. O homem nas-

*ceu sem princípio algum, mas com a faculdade [disposição] de receber todos*³⁹.

Nesse mesmo verbete, o autor, ao tratar do selvagem, que não terá nenhum problema de consciência ao comer outro selvagem que lhe fora dado pelo próprio pai, expõe como fundamentos da sociedade civil a piedade e o poder de compreender a verdade.

*A natureza preveniu contra esse horror dando ao homem a disposição para a piedade e o poder de compreender a verdade. Esses dois presentes de Deus são o fundamento da sociedade civil [...] pais e mães dão a seus filhos uma educação que logo os torna sociáveis e conscientes*⁴⁰.

É necessário que o homem receba esses bons princípios, ou seja, receba uma educação para que possa conviver, de maneira pacífica, em sociedade. Caso contrário, não é possível exigir que o homem seja sociável. Alguém precisa incitá-lo, criar uma emulação, mostrá-lo como viver em comum com outros homens, civilizá-lo.

*Uma religião e uma moral puras, convenientemente inspiradas, modelam de tal forma a natureza humana, que [...] não se pratica qualquer má ação sem que a consciência deixe de reprová-la. [...] Na dúvida quanto à bondade ou à maldade de uma ação, abstém-te. [...] É, portanto, muito bom de vez em quando despertar a consciência com uma moral que possa impressioná-los*⁴¹.

³⁵ Id.

³⁶ *Memórias* é uma obra de Voltaire, considerada por alguns como uma autobiografia. Entretanto, ao se analisar tal livro a partir do conceito de autobiografia como sendo um texto que coloca o acento sobre quem o escreve, percebe-se que essa obra, assim como todas as outras, tem como preocupação a instrução de seu leitor, e não exposição da vida de Voltaire, seu autor.

³⁷ VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. Op. cit.. p. 117. Verbetes: Caráter.

³⁸ Ibid. p. 125. Verbetes: Consciência.

³⁹ Id. (grifo nosso).

⁴⁰ Id. (grifo nosso).

⁴¹ Ibid., p. 126-127. (grifo nosso).

A leitura dos textos voltairianos leva seus leitores a perceber o projeto ilustrado, do qual Voltaire era um dos maiores representantes, que pretendeu fazer com que os homens pensassem por si mesmos, compreendessem o mundo e guiassem suas vidas, tendo como objetivo o bem da sociedade. Porém, vale ressaltar mais verbetes importantes para que se compreenda o papel de Voltaire e dos seus companheiros da Ilustração e a relação existente, nesse período, entre Literatura e Filosofia – relação essa que determina, sobremaneira, o que pretendeu a Ilustração e, mais ainda, é a responsável pelos resultados obtidos por esse movimento: a revolução causada nos espíritos.

Em “Letras, Gente de Letras e Letrados”, é possível observar a relação entre filosofia e Universidade. Na França, isso não ocorreu. Os *philosophes* eram contrários à Sorbonne. Eles não tiveram vínculos com a Universidade. Assim Voltaire expõe:

*As pessoas de letras que mais serviços prestaram ao reduzido número de entes pensantes espalhados pelo mundo são **letrados isolados**, os verdadeiros sábios encerrados em seus gabinetes que não argumentaram nos bancos das universidades nem disseram coisas pela metade nas academias; e esses têm sido quase todos perseguidos. A nossa miserável espécie é feita de tal maneira, que aqueles que marcham em caminhos já batidos atiram sempre pedras aos que ensinam um caminho novo*⁴².

O que resta a esses pseudos letrados, segundo Voltaire, é fazer louvores a pessoas importantes, dedicar poemas às amantes dos reis, porque os que se propõem a iluminar os homens são esmagados pelos poderes secular e laico; ou seja, os que “ensinam um

caminho novo”, em razão da inveja daqueles que permanecem trilhando caminhos “já batidos”, são perseguidos, rotulados de “espíritos fortes”, “inovadores”, “rebeldes” que têm a *ousadia* de se deixar seduzir pelas opiniões enganadas dos que têm olhos e duvidam da infalibilidade do mestre que, por sua vez, não possui o sentido da visão e quer, a todo custo, fazer um juízo das cores⁴³.

*A maior desgraça de um homem de letras não será talvez tornar-se o objeto dos ciúmes dos confrades, a vítima da cabala, do desprezo dos grandes do mundo; a sua maior desgraça é ser julgado por parvos. [...] O homem de letras está sem socorro; [...] Todos os homens públicos pagam tributos à malignidade; mas são pagos em dinheiro e em honras. O homem de letras paga igual tributo sem nada receber; desceu à arena por prazer, a si mesmo se condenou às feras*⁴⁴.

Sendo assim, os homens de letras, os *philosophes*, não tinham o poder ao seu lado e precisavam, urgentemente, educar a sociedade para, dessa forma, instaurar o império da razão, principal objetivo do movimento ao qual faziam parte. Ao tornar essa a sua principal função, os *philosophes*, como afirmou Voltaire, condenaram-se a si mesmos ao covil das feras.

No verbete “Liberdade de Pensamento”, Voltaire cria um diálogo, no qual os interlocutores discutem acerca do tema que indica o título. Medroso afirma que “[...] como não podem condenar-nos a um auto-de-fé pelos nossos pensamentos secretos, ameaçamos de sermos eternamente queimados por ordem do próprio Deus se não pensarmos como os dominicanos”⁴⁵. E Boldmind, interlocutor de Medroso

⁴² Ibid., p. 236. (grifo nosso). Verbetes: Letras, Gente de Letras e Letrados.

⁴³ Ver: VOLTAIRE. “Petite digression”. In: *Romans et Contes* en vers et en prose. Paris: Le Livre de Poche, 1994. p. 486.

⁴⁴ VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. Op. cit., p. 236-237. Verbetes: Letras, Gente de Letras e Letrados. Em sua obra *Memórias*, Voltaire explica que os homens de letras só podem ser livres para escrever se tiverem condições financeiras de se manter, se forem independentes. Cf.: VOLTAIRE. *Memórias*. Tradução de Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1995 (Coleção “Lazuli”). p. 59.

⁴⁵ VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. Op. cit., p. 239. Verbetes: Liberdade de pensamento.

so, defende a posição de que se os primeiros cristãos não tivessem tido a liberdade de pensar, não haveria Cristianismo. Ele diz a Medroso: “A vós apenas cabe aprender a pensar; haveis nascido com espírito; [...] Quem não sabe geometria, pode aprendê-la; qualquer homem pode instruir-se [...] Ousai pensar por vós mesmo”⁴⁶. Eis o *Sapere Aude*, lema da Ilustração, que orientou os passos dos *philosophes*, na tentativa de educar os homens para que estes pudessem ousar saber e, assim, guiarem o curso dos acontecimentos e de suas próprias vidas⁴⁷. Como explicado por Voltaire no verbete “Consciência”, os homens nascem com a disposição para receberem bons princípios, que são passados através do exemplo, ou seja, da educação, e possibilitam que a consciência humana seja formada. Nesse sentido, cabe ao homem *ousar pensar* por ele mesmo para, dessa forma, sair da heteronomia, da menoridade em que se encontra.

Em “Necessário”, também escrito em forma de diálogo, Voltaire deseja falar do que é imprescindível a todos os homens, e não das convenções, que mudam de lugar para lugar. Logo, ele vai falar da Lei Natural. Para ele, há noções comuns a todos os homens, que são úteis para que estes vivam em sociedade. E, para terminar a série de verbetes que têm uma estrutura literária, o intitulado “Leis civis e eclesiásticas” foi escrito em forma de aforismos, que tra-

zem, de uma maneira geral, a idéia voltairiana de que é possível educar pelo exemplo – “Que os suplícios dos criminosos sejam úteis. Se um homem enforcado não serve para nada, um homem condenado a trabalhos públicos serve ainda à pátria e constitui uma *lição viva*”⁴⁸.

Portanto, a diversidade de temas expostos no *Dicionário* indica a preocupação do seu autor em tratar, de forma aparentemente simples, objetiva, inteligível, os assuntos que podem levar os homens ao esclarecimento, uma vez que essa diversidade permite, ao leitor, escolher sobre que assunto aprender, independente da ordem escolhida acerca do assunto. Não é preciso iniciar pelo primeiro verbete para, em seqüência, chegar até o último. Pode-se escolher qualquer um deles, não importando a ordem de sua apresentação. Porém, essa mobilidade do espírito voltairiano, que lhe permitiu a universalidade dos temas, foi também motivo de críticas. Alguns dos seus censores afirmam que os assuntos, em Voltaire, foram tratados de maneira superficial. Contudo, acerca desse aspecto, como fora indicado anteriormente, essas observações negativas feitas ao autor das *Memórias* não procedem⁴⁹. Voltaire não se recusa a nenhum debate. Não há uma questão sequer que não seja filosófica para ele.

Sua obra é grandiosa, o que dá a falsa impressão de que ela é um “caos de idéias claras”⁵⁰, uma vez que

⁴⁶ Ibid., p. 240. Verbetes: Liberdade de pensamento.

⁴⁷ Sobre essa mesma idéia de que o homem pode pensar por si mesmo, bastando querer se esforçar para aprender, posiciona-se Kant: “Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*].” (KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento” (*Aufklärung*)? In: *Textos Seletos*. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 100.) O *Dicionário Filosófico* foi publicado em 1764 e o texto de Kant em 1784, vinte anos depois.

⁴⁸ VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. Op. cit., p. 239. Verbetes: Leis Civis e Eclesiásticas. (grifo nosso).

⁴⁹ Roberto Romano afirma o seguinte, a respeito desse aspecto: “Não compartilhando da seriedade dos filistinos românticos, [...] Voltaire foi visto como “não sério”. Não exercendo a “profundidade” romântica, [...] Voltaire foi banido para a pátria gaiata e incômoda da superficialidade. Com ele, o século XVIII inteiro foi acusado de ingenuamente acreditar no progresso, na técnica, na razão. [...] Quem ri não é sério. Esta equação é moderna, conservadora, romântica e irracionalista.” (ROMANO, Roberto. “Voltaire e a sátira”. In: *O caldeirão de Medeia*. Op. cit., p. 194). Casini também trata desse assunto quando fala da crítica feita à leitura de Voltaire às obras de Newton. Ver: CASINI, Paolo. *Newton e a consciência européia*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1995. p. 83.

⁵⁰ FAGUET, Emile. *La politique comparée de Montesquieu, Rousseau et Voltaire*. Paris: s.l.p., 1902. Apud. VERSAILLE, André. “Voltaire: A necessidade de compreender e de fazer compreender.” In: VOLTAIRE. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Op. cit., p. XXXVII.

ele falou de tudo. Porém, poucas criações, dessa grandiosidade, conseguem conservar uma coerência tão forte. Ao lê-la, em suas várias representações, ou seja, em seus diversos livros, encontram-se as mesmas interrogações atormentadas, os mesmos questionamentos. Voltaire preocupa-se com a inteligibilidade dos seus escritos. Ele fica intrigado com a facilidade com a qual os homens inteligentes abandonam o seu bom senso, afirmando que esses, tão cheios de sagacidade e de gênio, são formados de erros populares, que os tornam fanáticos⁵¹. E é contra isso que se resume a sua missão: contra essa ação do homem de entregar-se ao fanatismo. Eis o motivo de sua dedicação em educar os seres humanos. O autor do *Dicionário* questiona o sentido mesmo do saber, entendendo que essa acumulação pouco importa.

Se a história, por exemplo, resume-se a um catálogo de fatos insignificantes, ela é apenas uma ciência inútil. [...] Uma certa forma de erudição é mesmo inteiramente pernicioso: ao sobrecarregar um espírito de noções absurdas e ininteligíveis, a gente o tornaria, sem dúvida, sutil, mas não inteligente. Ao contrário, é esta sutileza mesma que o impede de ver as coisas como elas são, que o fará oscilar “da ignorância selvagem à ignorância escolástica”⁵².

Tudo para Voltaire merece questionamento e, é sobre este princípio que ele redige o *Dicionário Filosófico*. “Entretanto, contrariamente ao princípio geral do dicionário, que se consulta para achar respos-

tas às suas questões [...]”⁵³, os verbetes dessa obra levam os leitores a se depararem com novos questionamentos. Seu autor não dá respostas aos que o lêem, mas os ensina a duvidar, porque é pela dúvida que se aprende a pensar. Ele faz com que, ao lerem aquele livro, os leitores observem as questões a partir do ângulo da razão e da experiência. Não se trata mais de meditar sobre as coisas, mas sim de experimentá-las⁵⁴. Isso explicaria a quantidade de exemplos que Voltaire fornece, ao tratar de um determinado assunto. A linguagem metafísica não possui relação com a realidade. Ao escrever, Voltaire parece chamar o leitor, o tempo inteiro, para o mundo; por essa razão, ele faz com que se experimentem as coisas, tornando, assim, sua linguagem inteligível aos olhos do leitor, uma vez que este consegue estabelecer relações do que é dito por Voltaire e o seu universo. Inclusive, em sua vigésima quinta carta das *Cartas Filosóficas*, que se destina a falar sobre os pensamentos de Pascal, o autor explica que “Uma comparação [...] serve [...] na prosa, para esclarecer e para tornar as coisas mais sensíveis”⁵⁵. Através da comparação – que além de tornar as coisas muito mais claras estabelece a relação entre as idéias e o mundo, possibilitando o acesso de um número maior de pessoas ao que foi escrito – Voltaire coloca em atuação o seu projeto pedagógico-civilizatório, visando submeter o mundo ao império da razão, ao fazer com que os homens se esclareçam. Portanto, deixemo-nos guiar pelas palavras escritas pelo Patriarca de Ferney; assim, aprende-se a duvidar, a pensar, a ser um homem esclarecido. Voltaire está presente em suas obras, esperando-nos, com a intenção de nos ensinar. Nossa tarefa: escutá-lo.

⁵¹ Ibid., p. XXXVIII-XXXIX.

⁵² Ibid., p. XXXIX.

⁵³ Id.

⁵⁴ Id.

⁵⁵ VOLTAIRE. *Cartas Filosóficas*. Op. cit. .p. 56.

Referências

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. 4ª ed. Tradutores não nomeados. São Paulo: Perspectiva, 2002 (Coleção “Crítica”).
- CASINI, Paolo. *Newton e a consciência européia*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Volume I).
- DU DEFFAND DE LA LANDE, Marie Anne de Vicky Charmond. *Cartas a Voltaire*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996.
- KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento’ (Aufklärung)?” In: *Textos Seletos*. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1990.
- POMEAU, René. *Voltaire par lui-même*. Paris: Seuil, 1970.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção “Justiça e Direito”).
- ROMANO, Roberto. “Voltaire e a sátira”. In: *O caldeirão de Medeia*. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Coleção “Debates”).
- TROUSSON, Raymond *et al.* (dir.) *Dictionnaire Voltaire*. Bruxelles: Hachette, 1994.
- VERSAILLE, André (org.). *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Paris: Édition Complexes, 1994.
- VOLTAIRE. *Cartas Filosóficas*. Tradução Bruno da Ponte *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).
- _____. *Contos e novelas*. Tradução Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- _____. *Contos*. Tradução Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2005.
- _____. *Dicionário filosófico*. 2ª ed. Tradução Bruno da Ponte *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”).
- _____. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Paris: Éditions Complexe, 1994.
- _____. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.
- _____. *Mélanges*. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1995.
- _____. *Memórias*. Tradução de Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1995 (Coleção “Lazuli”).
- _____. *Romans et Contes en vers et en prose*. Paris: Le Livre de Poche, 1994.

Sobre o autor:

Christine Arndt de Santana é Mestre em Educação, Professora Substituta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe. Professora da FANESE e FACE. Membro do GT Filosofia da Educação (NEPHEM/NPGED/UFS). Membro do Grupo de Estudos de História da Filosofia Moderna (NEPHEM/UFS).